

OLHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL DA JANELA DA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E FORMATIVA

Mateus Bonie Campos Braga, Camila Oliveira da Silva, Tânia Maria de Sousa França

Universidade Estadual do Ceará, mateus.bonie@aluno.uece.br, Universidade Estadual do Ceará
Camilla.oliveira@aluno.uece.br, Universidade Estadual do Ceará taniamsfranca@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho trata da experiência estética mediada pelo patrimônio cultural. Constitui parte das discussões da pesquisa intitulada “Educação estética e patrimônio cultural no contexto do ensino de Arte”, desenvolvida pelo grupo de pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História - IARTEH, da Universidade Estadual do Ceará. O objetivo deste trabalho consiste em apresentar reflexão teórico-prática sobre a experiência estética mediada pelo patrimônio cultural com base nas narrativas produzidas a partir da experiência promovida pelo grupo de pesquisa intitulada de retiro estético na cidade de Viçosa – Ceará. A metodologia adota está pautada na pesquisa qualitativa com elementos da etnopesquisa. Adotamos como referencial teórico as contribuições de Larrosa (2014), Dewey (2010) e Peixoto (1988). A experiência estética propicia novas sensações e novos conhecimentos, sobretudo em relação ao patrimônio cultural. Consideramos que foi uma experiência estética e formativa porque foi uma experiência que nos passou, nos tocou, nos transpassou.

Palavras-chaves: Patrimônio Cultural. Experiência Estética. Experiência Formativa.

INTRODUÇÃO

Olhar pela janela pode ser uma ação comum, rotineira e despreziosa. Como seria uma casa sem janelas? Consideramos que a janela foi ganhando novas funções. Muito mais que possibilitar um ambiente mais ventilado, iluminado e agradável, as janelas possibilitam ver o que não está aparente, a encontrar no horizonte novos caminhos e espaços, há quem diga que seja para ver “o movimento da rua”. As janelas compõem a arquitetura em geral, seja casa, apartamento, prédio comercial e escola. Olhar através da janela pode lembrar histórias, mexer com a memória e ser um encontro dos sentidos provocados pela sensibilidade e a afetividade. Olhar pela janela pode revelar o patrimônio que se tornou invisível, pois na correria do dia a dia acabamos tornando alguns espaços despercebidos.

Este artigo, então, tem como objetivo apresentar uma reflexão teórico-prática sobre uma experiência estética mediada pelo patrimônio cultural visto da janela da escola. Esta metáfora parte da compreensão de que a escola na sua função social deve se constituir como mediação entre os alunos e o patrimônio cultural, pois “cabe a mediação cultural problematizar e provocar seus sentidos na contemporaneidade [...] onde o professor mediador, o “fruidor” e a obra de arte dialogam e criam uma rede de relações”. (FIORAVANTI, 2014, p. 120). Quando indagamos: Como

é olhar o patrimônio cultural da janela da escola? O que vemos? Que relações estéticas estabelecemos?

Na tentativa de estabelecermos uma reflexão sobre essas indagações, a metodologia utilizada se pauta pela abordagem qualitativa, por se tratar de uma perspectiva de investigação na qual os fenômenos são examinados de tal modo que nada é considerado trivial, pois “[...] tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49). Agregamos a esta elementos da etnopesquisa, porque essa modalidade como afirma Macedo (2010) se nutre de forma radical da experiência narrada. Nesse sentido, nesse texto dialogaremos com as narrativas dos autores ao olharem para o patrimônio de uma cidade do interior do Ceará pela janela da escola. São alunos da graduação, mestrado e doutorado do Programa de pós-graduação de uma IES pública. Essa experiência se deu por meio de um retiro estético promovido pelo Grupo de Pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História - IARTEH ao participar da culminância da pesquisa de doutorado de um dos autores.

OLHAR PELA JANELA: NARRATIVAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS EM VIÇOSA DO CEARÁ

A pesquisa de doutorado trata sobre educação estética, patrimônio cultural e formação de professores e foi realizada com as professoras e professores do Patronato, uma escola confessional, localizada na cidade de Viçosa do Ceará. Cidade tombada pelo IPHAN como sítio histórico, pela sua relevância histórica e artística para a história do Ceará, do Brasil. Eis um depoimento de um dos autores sobre esse momento.

Viçosa, uma cidade que encanta a todos já era desejada pelos integrantes do grupo de pesquisa IARTEH há um tempo. Os relatos das experiências e das atividades que eram desenvolvidas lá causava uma espécie de imaginação do que a cidade poderia proporcionar. Havia um diálogo sutil, entretanto, nada como conhecer, experienciar e turistar na cidade. Os preparativos da viagem deixaram todo mundo entusiasmados. Era grande a vontade de descobrir a história que a cidade carregava e que fez com que sua identidade fosse reconhecida nacionalmente. Foi uma experiência rica e intensa. (Camila)

O retiro estético foi composto de duas atividades. A primeira uma visita a exposição/culminância da pesquisa, montada pelas professoras e professores no Patronato, acompanhada de poema de boas-vindas, ciranda de Viçosa e um saboroso café regado a leituras que os alunos fizeram da cidade e seu patrimônio cultural, por meio de fotos, jogos, objetos, painéis, declaração de amor pela cidade. E em seguida uma andança pela cidade de forma despreocupada,

sem um roteiro prévio, mais o convite era ter um olhar do estrangeiro, porque “aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem perceber. [...]. E assim, é capaz de “contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são”.(PEIXOTO, 1988, p. 363)

Em relação a primeira atividade, podemos apreciar algumas narrativas que expressam o sentir dos autores e como a atividade os afetou.

Percebi que os professores e as professoras do Patronato a partir de um olhar intencionado ao olharem para a cidade a partir das janelas conseguiram identificar o patrimônio cultural e histórico da cidade não apenas fisicamente, conseguiram identificar na memória, na história e nas relações afetivas com aquele espaço. Os monumentos da cidade passaram propiciar novas sensações, nesse sentido Françoise Choay (2006) nos aponta dizendo sobre o monumento que “a natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, da dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva” (p. 18). (MATEUS)

Ao chegar ao colégio e presenciar os alunos empregados em organizar as apresentações dos trabalhos, foi muito gratificante. As professoras acompanhavam tudo de perto na expectativa de que as coisas saíssem conforme o planejado e que a apresentação dos resultados fosse positiva. Eram painéis com fotografias da cidade, maquetes de pontos turísticos, comidas, licores, jogos com questionamentos sobre a cidade, objetos antigos e nem tão antigos assim, mas que carregavam em si histórias. Enfim, haviam diversas formas para apresentar um pouco sobre a história, vida e memória de Viçosa, formas essas que superaram as minhas expectativas. Uma das coisas que mais me encantou foi a participação das crianças na organização dos espaços e os ensaios que aconteciam espontaneamente afim de não errar nada na apresentação. A união das crianças também foi um fator importantíssimo. Dava para notar, vindo de fora, que elas não estavam fazendo por fazer e sim que ali nelas havia uma consciência sobre o que estava acontecendo. Esse é um fator curioso, pois o trabalho desenvolvido na escola foi algo contínuo e não casual. O Patronato realmente se tornou um espaço que proporcionou, ainda que por um primeiro instante, uma mediação cultural e uma educação patrimonial. (CAMILA)

Chegar no Patronato e ver professores, alunos, servidores, coordenação, religiosas todos envolvidos em preparar a exposição, ou seja, criar uma narrativa sobre a cidade de Viçosa com os resultados das pesquisas, foi um momento muito significativo de colaboração e aprendizagem. O desejo era fazer o melhor. Encontrar o melhor lugar para uma frase que dizia: a gente só ama aquilo que conhece, demonstrava o sentido de tudo aquilo e de como tinha trazido aprendizagem para todos, em um movimento de formar, formando-se.. Vi uma escola viva. (TÂNIA)

Percebemos que a partir das falas e comentários na culminância da pesquisa, que abrir e visualizar a cidade a partir das janelas da escola propicia sensações e novos conhecimentos, sobretudo em relação ao patrimônio cultural. O olhar desempenha um papel fundamental. É olhar um determinado prédio que fez parte da minha história, da história dos meus pais e da minha família, fortalece o vínculo com a cidade reforçando o sentimento de pertença. Esse olhar pode

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

br

revelar situações vivenciadas no dia a dia e despertar na memória outros momentos de vivência e experiências, como disse uma das professoras.

Passamos a olhar e frequentar a Igreja Matriz sem perceber o seu significado, sua história e as relações que podem ser estabelecidas com a própria história do sujeito, é passar pelos antigos casarões e percebê-los apenas como prédios tombados e frequentar as praças sem identificar as mudanças que aconteceram ao longo do tempo e das gestões municipais. (PROFESSORA)

Na sua narrativa um dos autores coloca que era notório como o encantamento tomou conta de quem prestigiava a apresentação das crianças. Focadas e empolgadas, elas apresentavam as belezas e curiosidades de Viçosa, trabalhando a memória e a identidade da cidade e se incluindo como pertencentes da história, construindo assim, a sua identidade também. Em relação ao sentimento de pertencimento, Fioravanti (2014, p.117) afirma que:

Reviver e recriar no nosso tempo, em nossas próprias experiências, pode possibilitar o assumir-se como pertencente a um grupo social e sua história, colaborando para a consciência de sua identidade e herança, ao mesmo tempo em que possibilita abertura para outras culturas.

Estamos convictos de que todos os envolvidos nesse projeto sejam eles pais, educadores, gestores, auxiliares ou alunos e nós, membros do IARTEH fomos modificados ao ter contato com a história da cidade ao qual vivemos, a partir da janela da escola. Muitas vezes não nos damos conta do valor daquilo que nos rodeia. Não somos sensíveis à valorização do nosso meio que é capaz de apresentar patrimônios riquíssimos, porque não somos educados para essa sensibilidade. A partir do momento em que os sujeitos do colégio foram instigados a pesquisar, estudar e conhecer sobre sua própria cidade, foi se constituindo uma consciência.

Quanto a segunda atividade do retiro estético, a andança pela cidade aconteceu de forma leve, mas aquecida pelo sol e pela provocação: Registre seu encontro com a cidade de Viçosa. Pense: O que senti ao me encontrar com a cidade? Como ela me afetou? Que reflexão estética você fez no seu retiro? O que estou vendo além do que todo mundo vê? Vejamos algumas narrativas.

Conhecer a cidade histórica, sua arquitetura charmosa e conservada, seus moradores acolhedores e educados e o colégio Patronato, deixou um gostinho de quero mais. Desde o percurso, a ansiedade e a curiosidade tomavam de conta. A vista distante da beleza das Serras na estrada e a Chapada da Ibiapaba, enchia os olhos de alegria e paz. Ao chegar à cidade, um sentimento curioso foi despertado, pois conhecer ao vivo o que antes só era conhecido por meio de depoimentos, pesquisas e fotos, é algo cativante. O ar era aparentemente mais puro e o canto dos pássaros pela manhã, dando vida ao céu um pouco nublado, acalmava o coração e nos fazia esquecer a correria do dia a dia. A ida até a padaria é uma verdadeira viagem! A Praça Clóvis Beviláqua se apresenta charmosa e aconchegante, o Theatro Pedro II com sua estrutura despojada e a Igreja Matriz (com sua arte barroca). O

que falar do Memorial que conta toda a trajetória de descoberta e religiosidade da cidade por meio dos objetos e pintura? Percebi que ali naqueles casarões, muitas narrativas eram apresentadas e que a cidade como todo apresentava um senso de coletividade. Cada minuto que passava era um aprendizado diferente! (CAMILA)

Sempre ando pela cidade com um destino certo, com a pressa que nos consome no tempo presente. Nesse momento andar pela cidade como uma turista, me possibilitou ver as suas esquinas, a luz que vinha da casa dos Pinhos, o movimento da feira, a sombra s mangueiras que faz parte da minha história e da história de muitos viçosenses. Olhar a praça hoje com um contorno moderno, depois da reforma, mas ver seus caminhos tortuosos que nos levavam ao encontro de nós mesmos, a cada rodada, foi uma experiência diferente. (Tânia)

Gosto de visitar cidades, perceber seus detalhes e de conhecer seus lugares. Andar por viçosa, principalmente após ouvir as falas dos professores do Patronato, foi o momento em que foi necessário exercitar o olhar curioso. Andar nas ruas e praças foi exercício para pensar sobre as mudanças que acontecem no patrimônio ao longo do tempo por diversos motivos: gestão municipal, interesses pessoas e políticos. Viçosa é um exemplo de cidade que tenta resistir às mudanças do tempo, guardando lugares que estão na história da cidade e do povo. (Mateus)

Considerações Finais

Prestigiar a culminância do projeto de pesquisa e conhecer a cidade de Viçosa despertou em nós uma esperança de que a escola pode e deve ser uma instituição que proporcione uma mediação cultural e o contato com o patrimônio. No caso de Viçosa, foi notório que a experiência vivenciada foi significativa tanto para professores, quanto para pais e alunos. Para nós, enquanto visitantes, foi uma experiência significativa e que nos deixou bastante entusiasmados no que diz respeito à importância do educador nessa formação.

Portanto, tornar o patrimônio vivo é tornar a memória viva. A partir das experiências que os docentes tiveram percebemos como interferiu na atuação em sala de aula, pois possibilitaram também aos seus alunos momentos com o que era visto da janela, construindo uma relação mais afetiva com o patrimônio. E para nós, podemos afirmar que foi uma experiência estética e formativa porque como defende Larrosa (2014), foi uma experiência que nos passou, nos tocou, nos transpassou. De acordo com Dewey (2010) e Duarte Jr. (1998) a experiência deve passar por todo o nosso ser, por todo o corpo. É sentir por inteiro, de maneira sensível, saboreando cada momento vivido, numa verdadeira experiência estética. E foi o que nos aconteceu no retiro estático.

Referências

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: um introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JR., J.F. **Por que arte-educação?** 9ª ed. São Paulo: Papirus, 1998.

FIORAVANTI, M. L. B. **Mediação Cultural e patrimônio cultural**. In: MARTINS, M. C. Pensar Juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos. São Paulo : Terracota Editora, 2014.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. 2º ed. Brasília: Líber Livro, 2010.

PEIXOTO, N. B. **O olhar do estrangeiro**. In.: NOVAES, A. O olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.